



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES TEATRAIS - BAT
BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS- CENOGRAFIA

ROSILENE MARIA DE OLIVEIRA
DRE: 113060125

FAMÍLIA CADEIRAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Rio de Janeiro, agosto de 2022.

ROSILENE MARIA DE OLIVEIRA

DRE:113060125

FAMÍLIA CADEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Teatrais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas - Cenografia.

Orientadora: Profª Dra. Andréa Renck Reis

Rio de Janeiro
UFRJ - CLA - EBA – BAT
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

Centro de Letras e Artes - CLA
Escola de Belas Artes – EBA
Departamento de Artes Teatrais - BAT

d

ROSILENE MARIA DE OLIVEIRA

FAMÍLIA CADEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Teatrais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas - Cenografia.
Orientadora: Prof^ª Dra. Andréa Renck Reis.

APROVADA pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Andréa Renck Reis– EBA/BAT/ UFRJ

Prof^a. Dr^a. Cássia Maria Monteiro – EBA/UFRJ

Prof. Me. Adriana Milhomem Schmitt– EBA/ UFRJ

Rio de Janeiro, 03 de agosto de 2022.

Dedico este trabalho aos meus pais (In memoriam), filhos e netos.

Agradecimentos

Aos meus filhos Gabriel Nogueira e Madeline Nogueira e aos meus netos Arthur do Vale Nogueira, Rebeca do Vale Nogueira e Morgana Maria Nogueira de Lima que são minhas inspirações para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, Dínea e Nemyas (In Memoriam) que sempre estiveram comigo não medindo esforços para que eu alcançasse meus objetivos.

Aos meus irmãos Teresa, Denise e Jorge, à família e aos amigos em geral pela força e torcida.

A todos os professores e professoras que ministraram com excelência o curso de Artes Cênicas-Cenografia, em especial a Prof^ª. Máira Gerstner, da disciplina Direção de Espetáculo, que me incentivou a trabalhar o tema deste projeto e à Prof^ª Andréa Renck que me orientou com afinco, não só no TCC, mas também nas disciplinas Cenografia I e III.

Às professoras que participaram da banca avaliadora, a Prof^ª.Dr^a Cássia Maria Monteiro, e a Prof^ª.Me. Adriana Milhomen Schmitt.

RESUMO

A “ Família Cadeiras” foi o tema do meu trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas-Indumentária. Trata-se de uma instalação artística, na qual criei figurinos não para performers, mas para objetos de cena: cadeiras. Estas cadeiras-personagens formam uma família e proporcionam uma integração com o público, que , ao sentar-se nelas, se torna personagem.

No TCC de Cenografia optei por continuar desenvolvendo este mesmo tema, pensando no espaço para esta família: a casa da Família Cadeiras.

A ideia inicial era uma caixa para transportar as cadeiras que seriam dobráveis.

O projeto foi expandido, solicitando a criação de um pequeno cenário, também dobrável.

A inspiração no Pop up, veio acompanhar a proposta da cenografia.

Trabalhando o conceito de instalação, o projeto objetiva desenvolver um cenário portátil, versátil, leve, de fácil montagem, desmontagem e transporte.

Escolhi o papelão, que somado a Pop up, encaixam-se perfeitamente na proposta.

Palavras-chave: Cenografia; Instalação; PopUp; Papelão

OLIVEIRA, Rosilene Maria

Família Cadeiras. Rio de Janeiro, 2022.

99f. : il.; 30 cm.

Trabalho Monográfico (Graduação em Artes Cênicas-
Cenografia)-UFRJ, 2022.

1. Cadeiras 2. Instalação 3. Pop-Up 4. Papelão.

SUMÁRIO

Introdução	09
Pesquisas	12
Desenvolvimento (Capítulos)	20
Capítulo 1- O espaço da Família Cadeiras	20
1.1- Inspiração na dobradura de papel	21
1.2- Considerações sobre o papelão	22
Capítulo 2- Projeto Cenográfico	23
2.1- Construção/ Etapas	23
2.2- Tabela de Cores	24
2.3- Volumetria	28
2.4- Texturas	29
2.5- Sugestões de Cadeiras	30
2.6 Desenhos	31
Capítulo 3- Maquete	33
Considerações Finais	38
Anexos	39
Referências/Fontes Consultadas -Bibliografia	41

INTRODUÇÃO

O TCC foi inspirado em um trabalho realizado para a disciplina Direção de Espetáculo ministrada pela Prof Maíra Gerstner, sobre os simbolistas, que consistia em fazer uma montagem a partir de textos trabalhados em aula. “O ator e a supermarionete de E. Gordon Craig foi o ensaio escolhido como referência para a criação da “Família Cadeiras”, uma construção de personagens que, como as marionetes referidas por Craig, seriam constituídos por cadeiras que revelariam com uma identidade própria, e assim como as marionetes precisaria de um manipulador para adquirir vida.

A origem dessa ideia está em um trabalho de carnaval feito em uma escola para deficientes físicos, chamada Embaixadores da Alegria, onde elaborei o figurino da comissão de frente constituída por cadeirantes. Fiquei maravilhada com o que eles faziam apesar de estarem sentados nas cadeiras de roda, eles dançavam, sambavam como se tivessem pernas, como se a cadeira fosse uma extensão de seus corpos. Pensei também que a grande maioria de nós, passamos a maior parte de nosso dia sentados.

Comissão de Frente - Escola de samba Embaixadores da Alegria, 2012



Figura- 01- Arquivo pessoal



Figura- 02



Figura- 03



Figura- 04



Figura- 05

Tempos depois uma atriz me pediu para fazer um vestido para um monólogo, onde ela ficava sentada o tempo todo, levantando apenas no final, na ocasião ela solicitou uma capa pra cadeira do tecido do vestido, como se fosse uma prolongação do figurino. Essa ideia da “cadeira figurino” ficou mais uma vez na minha cabeça, até que veio o trabalho com os textos e a ideia da “Família Cadeiras”. Decidi fazer o figurino para cadeira, que “vestiria” o participante (manipulador) que sentaria nas cadeiras/personagens.

Figurino do TCC de Indumentária



Figura - 06



Figura- 07



Figura- 08



Figura- 09

PESQUISAS

Através de leituras e pesquisas sobre os simbolistas, passei a pensar no meu trabalho como uma instalação, visto que entre as principais características da instalação está a desconstrução de espaços, conceitos e ideias.

Este estilo surgiu em meio ao contexto da Arte Conceitual, ou seja, as instalações não permitem a percepção de um significado único, mas ganham significados a partir do que elas despertam em quem a vê ou quem a habita. O espectador participa ativamente da obra e, portanto, não se comporta somente como apreciador. A instalação pode ter um caráter efêmero (só existir na hora da exposição) ou pode ser desmontada e recriada em outro local.

Dentro da proposta do meu trabalho, pesquisei várias referências, entre elas Lygia Clark, Hélio Oiticica, Marcel Duchamp, entre outros.

O Parangolé de Hélio Oiticica: “ De repente você olha, mas não é mais espectador. A obra se confunde com o sujeito que antes estaticamente observava e que agora veste, bamboleia, dança, chora e ri com cores e texturas. “

O Parangolé é uma espécie de capa que se veste, com textos, fotos, cores e que serve como uma obra de ação multissensorial. O objetivo é dar ao público a chance de deixar de ser público espectador, de fora, para participante na atividade criadora, é antiarte por excelência, não se pode ir numa exposição de Parangolés, o espectador veste a obra e a obra ganha vida através dele, é capacidade de autocriação, de expansão das sensações e rompimentos.



Figura- 10

Hélio Oiticica no filme Arte Pública 1968, de Paulo Roberto Martins e Jorge Sirito Vives.(Nossa Distribuidora / Divulgação)



Figura- 11

Hélio Oiticica em seu estúdio, com seus parangolés, R J -1965 -elfikurten.com.br



Figura- 12

Oiticica Feeling -lilianpacce.com.br

Ao mergulhar na pesquisa, percebi diversos pontos de encontro entre a minha proposta inicial e o Neoconcretismo, uma corrente das artes que não se limitava à escultura ou à pintura, mas expandia sua expressão para as performances e para a literatura. Este movimento surgiu em fins da década de 50 no Rio de Janeiro, em oposição ao Movimento Concretista de São Paulo. Influenciado pelas idéias da fenomenologia do filósofo francês Merleau Ponty (1908-1961), foi considerado como um “divisor de águas” na história das artes visuais no Brasil, sendo seus precursores o poeta maranhense Ferreira Gullar e a artista plástica mineira Lygia Clark.

Os “Bichos” de Lygia Clark sugerem que o espectador manipulasse a obra, transformasse a forma, interagindo com ela, e os “Parangolés” de Hélio Oiticica, estimulava ao espectador (agora participante), em lugar de meramente contemplar a cor, vestir-se nela, incorporando os elementos da obra que proporcionavam ao espectador uma vivência total.

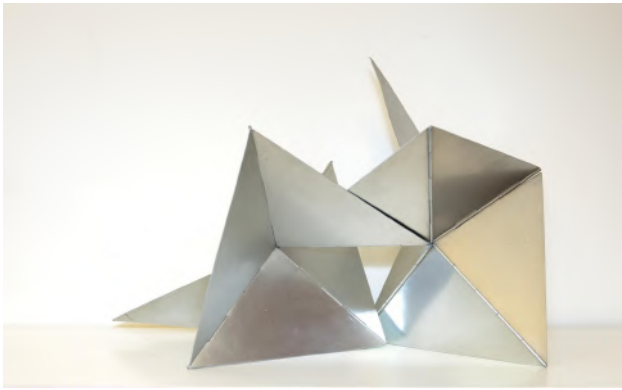


Figura- 13

BICHOS 1960

portal.lygiaclark.org.org



Figura- 14

Na cabeça das modelos, réplicas da obra “Bichos”

revistacliche.com.br



Figura- 15

Ligia Clark - portal.lygiaclark.org.br

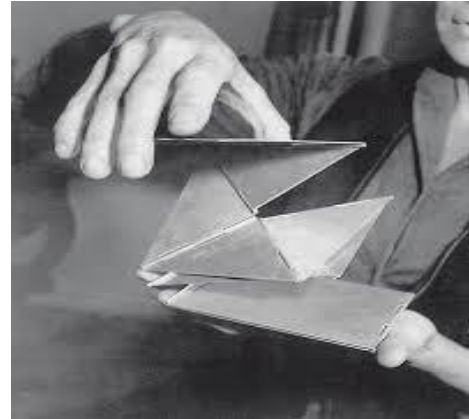


Figura- 16

Bichos - portal.lygiaclark.org.br

Dá-se início a uma nova visão de como o ser humano é uma obra de arte podem integrar-se: a morte do espectador e o nascimento do participante.

Exatamente isso que sentia em relação à Família Cadeiras. O espectador quando senta em uma das cadeiras passa a participar da instalação, vira o personagem que a cadeira sugere. Ele não sabe em quem se transformará. E assim, sem essa expectativa, fica solto para participar livremente da instalação. Os próprios espectadores/participantes, escolhem sobre o que querem conversar, formando assim um bate papo natural, como se realmente fossem uma família. O trabalho será uma instalação onde a performance estará aberta à participação do espectador que, além de participar da obra, dará vida a um personagem que ele não sabe qual é, se é homem ou mulher, adolescente ou idoso

INSTALAÇÃO

É uma manifestação artística contemporânea, composta por elementos organizados num ambiente. Ela pode ter um caráter efêmero e existir na hora da exposição, ou pode ser desmontada e recriada em outro local. O termo foi incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960. Em virtude de sua flexibilidade e variedade a sua conceituação, tornou-se mais geral do que específica. Desde a década de 1980, a voga da instalação, leva ao uso e abuso desse gênero de arte em todo mundo. A instalação na contemporaneidade tornou-se mais complexa e multidimensional, enfatizando a espetacularidade e a interatividade com o público.



Figura- 17

Minha Terra, Sua Terra, 2001
Itaú Cultural - São Paulo
Jorge Menna Barreto



Figura- 18

Nuvem- Escultura interativa, 2012
Festival de Arte Contemporânea - Canadá
Caitlind Brown
Instalação/performance - Em forma de nuvem, a estrutura tinha cerca de 6.000 lâmpadas para que as pessoas pudessem acender e apagar conforme quisessem.



Figura- 19

SunForceOceanLife (Vida Oceânica Solar)- 2021

Museu Belas Artes - Huston

Ernesto Neto

Instalação/ performance - . Trata-se de instalação feita em crochê e outros materiais, que compõem um labirinto suspenso, por onde o público pode caminhar.

POP- UP

A origem

O origami, em sua forma mais comumente conhecido, é o de dobradura. Muito difundido entre apreciadores de arte japonesa, consiste na dobra de papel para dar uma forma definida. Essa técnica de dobradura é muito antiga e remonta aos séculos IX e XII, quando samurais, através da prática de construção de origamis, faziam exercícios de concentração.

Os mais antigos livros *pop-up* foram feitos em plena Idade Média para facilitar a compreensão de fenômenos naturais e religiosos. Um deles é um *volvelle* (tipo de livro que contém círculos giratórios presos a eixos e colados sobre as páginas) confeccionado à mão em 1250 pelo monge beneditino inglês Matthew Paris para relacionar as estações do ano e as fases da lua aos feriados religiosos.

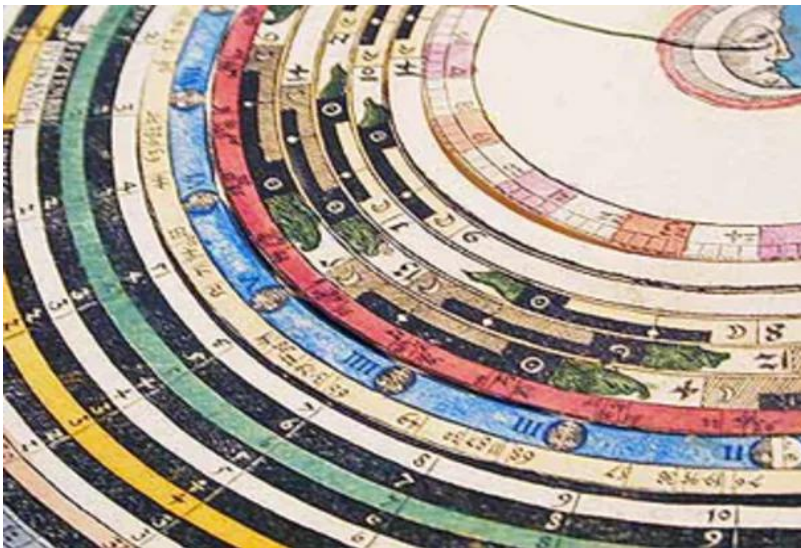


Figura- 20

O Volvelle de Matthew Paris

A evolução natural dos livros pop-up não foi pelas mãos de cientistas. Manuais de astronomia e medicina usaram as práticas características das dobraduras e das texturas para descrever coisas como as fases da lua e aludir a cadáveres abertos em dissecação. Dois exemplos de livros assim foram escritos à mão e impressos já na prensa de tipos móveis inventada pelo alemão Johannes Gutenberg em meados do século XVI: o *Calendarium*, de Johannes

Regiomontanus (publicado em 1476, em Veneza); e o manual de anatomia *Catoptrum microcosmicum*, de Johan Remmelin (publicado em latim em 1619), ambos autores alemão.



Figura- 21

Catoptrum microcosmicum, de Johan Remmelin -Acervo Biblioteca Nacional da Espanha



Figura- 22

Calendarium, de Johannes Regiomontanus- Acervo: Biblioteca Nacional da Espanha

O pop-up card, também conhecido como arquitetura origâmica, é uma invenção mais moderna, do século XX e teve seu início com um arquiteto japonês, Masahiro Chatani, (1934-2008). Ele uniu a técnica do origami com a do kirigami, uma arte criada por ele em 1981, feita através de recorte de papel, permitindo criar formas que representam objetos e muito mais. O significado do nome vem das palavras japonesas Kiru e Kami, que significa recortar e papel. (corte) .O papel dobrado é cortado de tal forma que, quando o papel é aberto para formar um ângulo de 90 graus, uma imagem tridimensional pode ser criada.

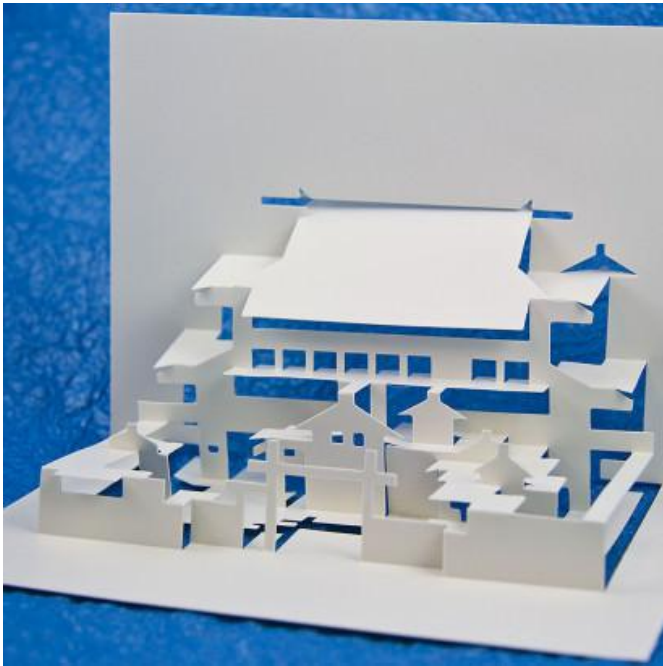


Figura- 23

Residence, M.Chatani - Popup Card



Figura- 24

Cathedral, M. Chatani - Popup Card

DESENVOLVIMENTO

CAPÍTULO 1. - O ESPAÇO DA FAMÍLIA CADEIRAS

Na parte cenográfica, a ideia é fazer um cenário todo em papelão, baseado no conceito da pop-up, também conhecido como *Arquitetura origâmica*, que é o nome dado a fusão do *Origami*, arte japonesa de dobrar o papel, e *Kirigami* que, além de dobrar o papel, também são feitos pequenos cortes. A escolha do papelão deve-se ao fato de ser leve, fácil de montar e desmontar, com a técnica certa, pode suportar até 100kg. Além de ser reciclável

1.1- INSPIRAÇÃO NA DOBRADURA DE PAPEL (POP-UP)

A ideia do cenário baseado no conceito de pop-up, ao meu ver, encaixa-se perfeitamente para uma instalação, por ser efêmera e ter várias locações, um cenário que seja leve, fácil de montar, e dê possibilidade de criar, através da técnica de dobraduras, vários móveis etc. Em relação ao transporte, também há uma grande vantagem, por dobrável e de papelão o que facilita muito a locomoção .



Figura- 25

A casa assombrada- Kitano Yurico, 2020



Figura- 26

Móveis de papelão projetados pelos designers austríacos Liddy Scheffknecht e Armin B. Wagner

Eles se inspiraram nos cartões e livros pop-up,

1.2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPELÃO

O papelão é uma ótima opção de reciclagem. Embora esse material seja sempre descartado no lixo como algo que não pode mais ser utilizado, o papelão é uma excelente matéria-prima para a confecção de muitos itens para decoração, inclusive móveis. O uso do papelão na fabricação de móveis começou através do idealizador Frank Gehry. Os primeiros experimentos com o material foram feitos pelo arquiteto em 1969, quando ele criou a sua primeira poltrona de papelão chamada Easy Edges. Nesse primeiro projeto, Gehry utilizou peças de papelão e muita cola para fazer um formato ondulado e totalmente inovador. O conceito dessa reutilização foi tão bem visto pelas pessoas que não demorou para que novos móveis começassem a ser fabricados com o material.



Figura- 27



Figura- 28

Vantagens

Montagem e transporte: As peças confeccionadas em papelão são leves e fáceis de montar. A maioria das peças não precisa de parafusos ou cola para serem montadas. Com apenas alguns encaixes já está pronto para ser utilizado. Assim como ele é fácil de ser montado, para desmontar o processo é o mesmo. Sendo assim, o transporte desse tipo de material é muito mais fácil, leve e econômico.

Customização: Outro ponto positivo do cenário em papelão, é que eles podem ser customizados de acordo com as suas necessidades. Por exemplo, é possível aplicar tinta, tecido adesivo, papel contact, verniz e muitos outros materiais para transformar a peça

Resistência: Embora muitas pessoas possam duvidar desse fato, os móveis de papelão são muito resistentes e aguentam pessoas e até eletrodomésticos pesados. Há cadeiras de papelão, por exemplo, que suportam até 120 kg. Para a confecção de móveis, o papelão utilizado passa por alguns tratamentos para aumentar a resistência e, conseqüentemente, suportar o peso necessário.

Reciclagem: Uma grande vantagem em utilizar papelão é o fator reciclagem. Nesse caso, o aproveitamento do material é um grande benefício para o meio ambiente. Através dessa reciclagem, vantagens são possíveis, como, mais emprego para quem é reciclador e catador de papelão e menos lixo no planeta. Ainda sobre a parte da reciclagem, é importante destacar que o papelão é 100% biodegradável. Ou seja, quando ele for parar na natureza por qualquer motivo, ele irá se decompor por se tratar de um simples papelão. Na fabricação tradicional de

uma tonelada de papel, é necessário o uso de 100 mil litros de água. Já os reciclados precisam de somente dois mil litros de água por tonelada fabricada. Os números são impressionantes em relação ao consumo de energia, que é algo aproximado entre 50% a 80% de economia. Estima-se que o papel pode ser reciclado até seis vezes.

CAPÍTULO 2. - PROJETO CENOGRÁFICO

2.1 - CONSTRUÇÃO / ETAPAS

O cenário consistirá em duas placas de compensado (2.20x1.60x0.20m) que serão usados como tablados para a instalação, a frente terá um tapete/carpete do tamanho dos tablados. Duas placas de papelão, com as mesmas medidas, unidas por uma faixa de lona usada como dobradiça, que ao se abrirem estarão com os móveis em pop-up e as cadeiras desmontáveis.

2.2 - TABELA DE CORES - Referência: Ferreira Gullar/ Neoconcreto



Figura- 29

Foto: Brasil Escola

José Ribamar Ferreira (São Luís, Maranhão, 1930 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016). Poeta, dramaturgo, tradutor e crítico de artes plásticas.

Ferreira Gullar, imortal da Academia Brasileira de Letras, é considerado um dos poetas mais importantes do Brasil. Sua poesia, muito dinâmica, apresenta desde aspectos intimistas a aspectos críticos da realidade política e social nacional. Além disso, ousou quanto à forma, sendo um dos fundadores do concretismo e do neoconcretismo. Também se destacou no teatro, tendo escrito peças premiadas. Além das pinturas neoconcretas.



Figura- 30

Neoconcreto 1- Ferreira Gullar



Figura- 31

Neoconcreto 2- Ferreira Gullar



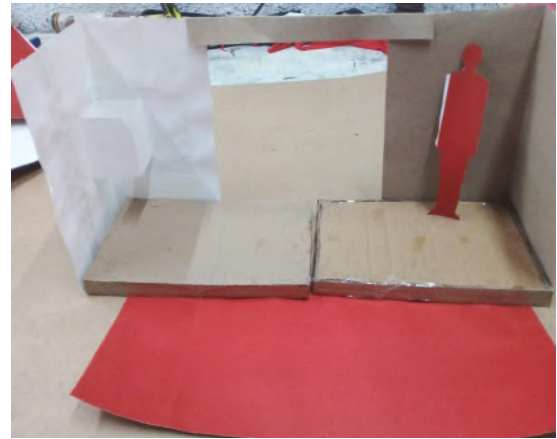
Figura- 32

Neoconcreto 3- Ferreira Gullar





2.3- VOLUMETRIA



Figuras- 33,34,35,36,37,38 Fonte: Autora

2.4- TEXTURAS



Figuras:39,40,41,42,43,45,46,47,48 Fonte: Recolhidos da Internet

2.5- SUGESTÕES DE CADEIRAS



Figura- 45

shop6.onlinefactory2022.ru



Figura- 46

cartonedesign.com.br

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

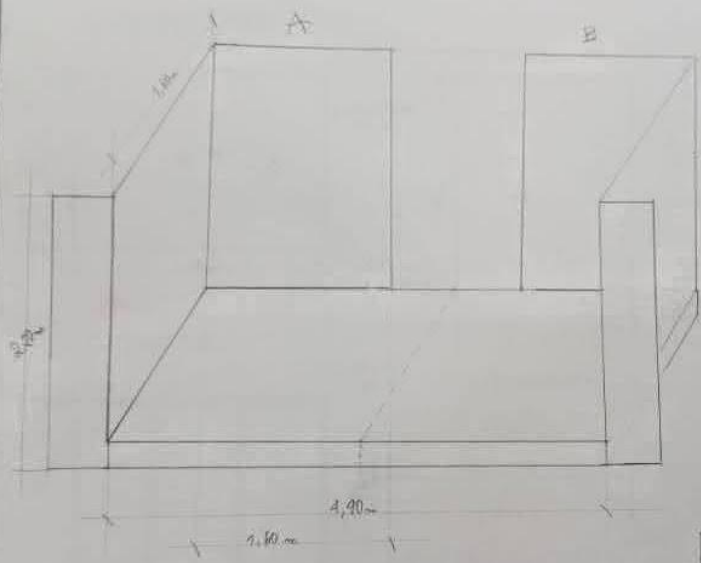
Cadeira de papelão composta por três peças

Tempo de montagem: 2 minutos

Dimensões: 42cm larg. x 45cm prof. x 90cm alt.

Peso: 2,5 kg

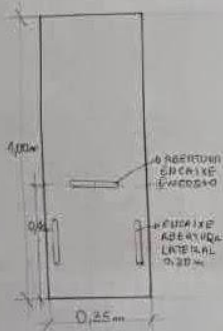
MODULOS DE PAPELÃO



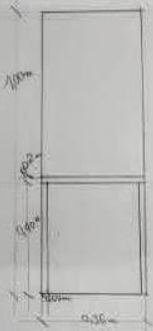
02 UFRJ - BA - BATEL - CENOGRAFIA
 ALUNA: ROSILENE ME DI VEIRA
 ORIENTADORA: ANDREA BENE
 PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO
 TÍTULO: FAMÍLIA CADEIRAS DETALHAMENTO
 DATA: 08-2022 ESCALA: 1/25

CADEIRA

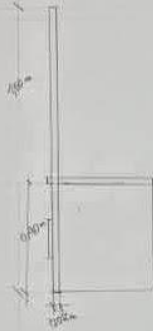
ENCOSTO/BASE



VISTA FRONTAL



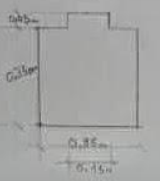
V. LATERAL



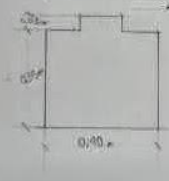
V. SUPERIOR



ASSENTO



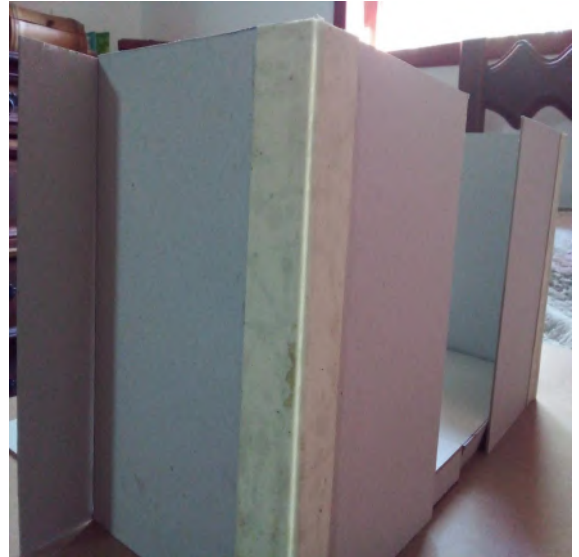
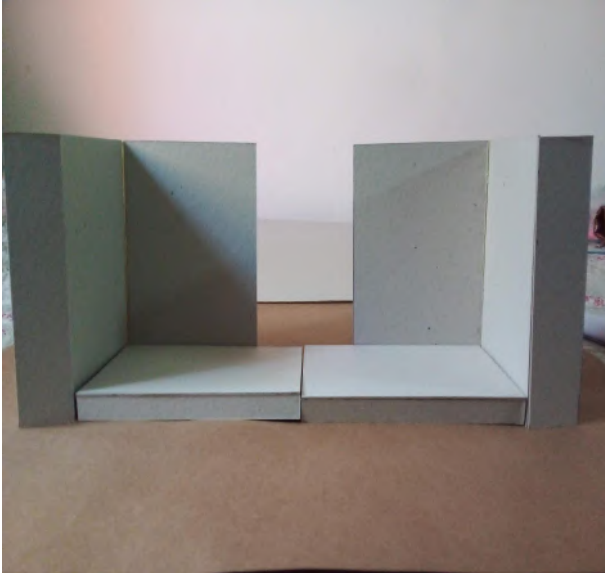
LATERAL/BASE

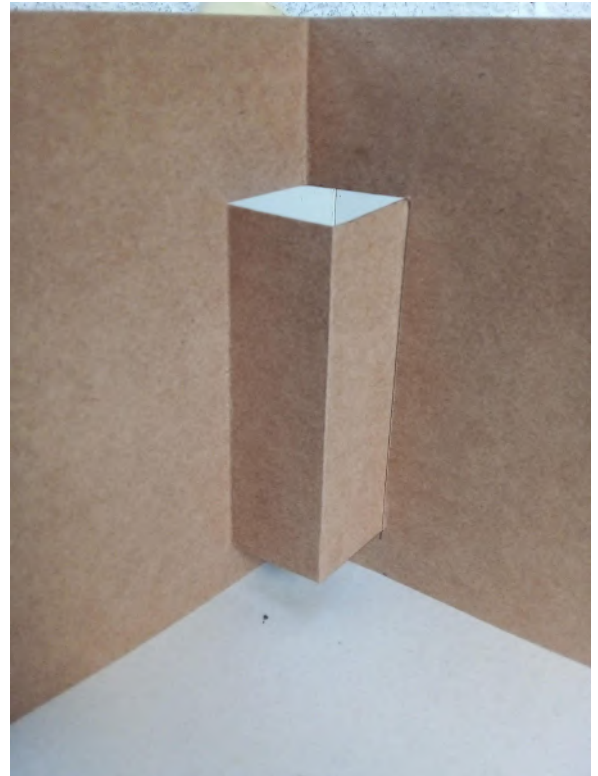


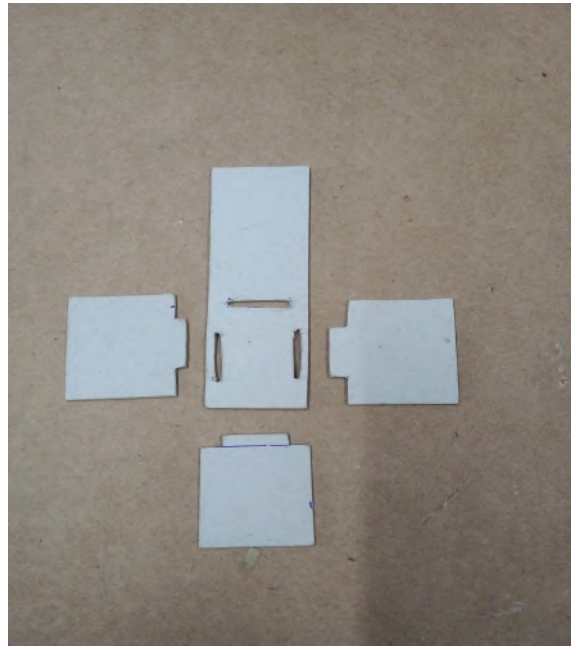
2 UNIDADES

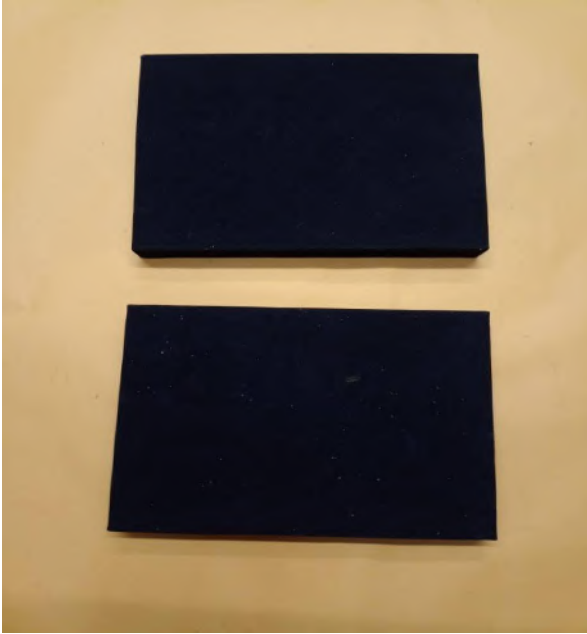
03 UFRJ - BA - BATEL - CENOGRAFIA
 ALUNA: ROSILENE ME DI VEIRA
 ORIENTADORA: ANDREA BENE
 PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO
 TÍTULO: FAMÍLIA CADEIRAS DETALHAMENTO
 DATA: 08-2022 ESCALA: 1/100

3- MAQUETE











CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da referência do neoconcreto, o trabalho é bem figurativo, com as características de uma família clássica, pois foi pensado como uma dramaturgia, ou seja, seria um texto para o teatro. Já como uma instalação ficou bem cômica, e empática, pois quando o público/participante, senta-se na cadeira/personagem, transforma-se em outra pessoa sem saber qual será seu personagem.

Embora o cenário tenha sido pensado como a casa da Família Cadeiras, é bem versátil e a base, os tablados e as placas de papelão, podem ser utilizados para outras cenas, como por exemplo: camarim, estúdio fotográfico, casa para criança, karaokê, circo e o mais que a imaginação permita.

ANEXOS

Disciplina: Direção de Espetáculo – 2015-2

Prof.a: Máira Gerstner

Familia Cadeiras

" O ator sendo um corpo não humano, está esvaziado de vaidades e emoções sendo assim, livre para poder estar dentro da arte da encenação”

Gordan Craig

"... os manequins tinham um papel muito específico; constituíam uma espécie de prolongamento imaterial, alguma coisa como órgão complementar do ator, que era o seu “proprietário”.

Tadeusz Kantor

A partir dessas duas frases pensei em um projeto artístico de total integração do figurino com o ator. Em que o figurino é o personagem a ser encenado pelo ator. O personagem existe, mas é o ator que dará o jeito de ser do personagem, a fala, a vida. Numa total união como corpo e alma.

Quando li " O ator e a supermarionete " de E. G. Craig e "O teatro e a morte" de T. Kantor, e outros textos dos simbolistas, fiquei pensando sobre o que realmente é o ator. Sempre achei que o ator era a figura central de um espetáculo, peça etc. Mas vi que tudo e todos no teatro tem seu valor específico, o papel do ator é muito importante, mas não o principal.

Acho que existe o ator-marionete, que ao meu ver é aquele que, como diz Craig "um homem satisfeito em passar adiante as ideias de outro, as quais ao mesmo tempo ele exhibe. Ele faz isso porque se sente lisonjeado e a vaidade é destituída de razão."

Mas acho também que existe aquele ator que não é marionete. Que é real, que escolhe suas encenações com amor ao personagem e o que ele vai passar ao público. Assim surgiu a ideia do trabalho.

Os personagens são cadeiras que vestem o ator com o personagem do seu figurino. Assim temos cadeiras com roupas de mulher, homem, idosos, crianças, adolescentes e animais. O figurino vai ser para a cadeira, não para o ator. Cada ator que sentar numa cadeira-personagem vira ele, e vão se revezando, assim todos encenam cada personagem. E cada um com seu jeito e sua história, já que eles vão improvisar na hora.

1ª parte: As cadeiras estão distribuídas como personagens que são. Uma voz ao fundo, fala de cada personagem.

Familia Cadeiras

O Sr. Cadeiras está lendo o jornal absorvido pelas manchetes e notícias sensacionalistas.

A Sra. Cadeiras está tricotando calmamente ao lado de sua mãe, uma senhorinha de seus noventa e poucos anos, mas muita esperta fazendo crochê, numa rapidez incrível. O vovô Cadeiras está na janela olhando o infinito fixamente.

Uma menininha brinca com um gatinho, sempre vigiados por um robusto cachorro, que parece estar dormindo de olhos atentos e abertos, ao seu lado um menino joga dados sozinho mas como estivesse brincando com outra criança...

Um casal de adolescentes, escutam música em seus fones de ouvido alheios a tudo e a todos....

Tudo parece estar calmo e em paz. Então chegam eles...

2a Parte: Dando "vida" aos Cadeiras

Eles chegam nus, de olhos vendados, tateando o espaço a procura deles, e naturalmente cada um vai se sentando em uma cadeira-personagem, que eles não sabem quem é, o que é, mas é envolvido e vestido pelo personagem e assim se transforma nele, dando-lhe a fala e vida.

A partir da história que foi contada de cada personagem, um deles começa a falar o que quiser, a partir dessa fala se desenvolve a história na improvisação.

BIBLIOGRAFIA

O teatro da morte - Tadeusz Kantor - Tradução Ângela Leite Lopes

Da Arte do Teatro - E. Gordon Craig - Tradução Redondo Jr Lisboa

O ator e a super marionete – E Gordon Craig

Gordon Craig: O teatro enquanto obra de Arte – por Eduardo Machado

REFERÊNCIAS

Fontes Consultadas

Bibliografia:

ARONSON, Arnold. *Cenografia hoje*. In: A [I] Berto. Revista da São Paulo Escola de Teatro n°5, 2013. Disponível em: <http://www.spescoladeteatro.org.br/revista-sp/revista-sp-alberto-05.php>

CRAIG, Edward Gordon. *Da arte do teatro*. Ed. Arcádia, Lisboa 1911.

CRAIG, Edward. *O ator e a supermarionete*. Trad: de Almir Ribeiro. Revista Sala Preta, v. 12, n. 1, p. 101-124, jun. 2012. Disponível em. Acesso em: 13 Set. 2017.

HOWARD, Pamela. *O que é cenografia?* Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2011.

KANTOR, Tadeusz. *O Teatro da Morte*. Tradução: Ângela Leite Lopes, 1988.

OITICICA, Hélio. *Vida como arte*. São Paulo: Imaginário: FAFESP, 2004.

KANTOR, Tadeusz. *O Teatro da Morte*. Tradução: Ângela Leite Lopes, 1988.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. 1947. Tradução: J. Guinsburg e Maria Lucia Pereira. São Paulo. Ed.Perspectiva,1999.

BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. Editora:FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. *Lygia Pape*. História das Artes, 2022.

Websites

www.mwembalagens.com.br

www.ufmg.br

www.coladaweb.com

www.dicio.com.br/laser

www.encyclopedia.itaucultural.org.br

www.origamicarchitecture.com

www.domestika.org

www.bb.unesp.br

www.totalconstrucao.com.br

www.brasilecola.uol.com.br/biografia/ferreira-gullar.htm

www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/lygia-pape/>

